

# **SOBRE A HISTÓRIA ESPIRITUAL DA IDADE MÉDIA: O MODO DE SER PRÓPRIO DA IDADE MÉDIA EUROPEIA E DE SEU PENSAMENTO VISTO A PARTIR DO JAPÃO**

ABOUT THE SPIRITUAL HISTORY OF THE MIDDLE AGES: THE  
WAY OF BEING PROPER TO THE EUROPEAN MIDDLE AGES AND  
THEIR THINKING SEEN FROM JAPAN

Chûmaru Koyama<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Este artigo faz uma aproximação da Idade Média europeia e japonesa, sublinhando diferenças e semelhanças, tanto no que diz respeito a datas quanto a interesses. Ressalta-se o equívoco de qualificar a Idade Média como era das trevas; ao contrário, a fonte onde se alimentam as raízes da modernidade e do próprio nascimento da Europa remontam à Idade Média Ocidental. A Europa tem raízes próprias, independentes da cultura clássica romana e grega, que precisam ainda ser descobertas. Explora-se a evolução cultural da Idade Média, sua conquista de autonomia e a influência na evolução ocidental. Por fim, analisam-se os dois focos principais do interesse da Idade Média, fé e razão, teologia e filosofia.

Palavras-chave: Idade Média Japonesa e Europeia. Fé e Razão. Cultura Japonesa e Ocidental.

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela Waseda University. Professor emérito e presidente da Waseda University em Tóquio. *E-mail*: chkoyama@gmail.com

## **ABSTRACT**

This article makes an approximation of the European and Japanese Middle Ages, emphasizing differences and similarities, both in terms of dates and interests. The ambiguity of qualifying the Middle Ages as a epoch of darkness is emphasized; On the contrary, the source of the roots of modernity and the very birth of Europe goes back to the Western Middle Ages. Europe has its own roots, regardless of the classical Roman and Greek culture, which still need to be discovered. It explores the evolutionary culture of the Middle Ages, its conquest of autonomy and influence in Western evolution. Finally, we analyze the two main focuses of the interest of the Middle Ages, faith and reason, theology and philosophy.

**Keywords:** Japanese and European Middle Ages. Faith and Reason. Japanese and Western Culture.

## INTRODUÇÃO

Visto que nós, japoneses, empregamos a mesma expressão, “Idade Média”, para designar essa época da história europeia e japonesa, acabamos projetando facilmente traços da Idade Média japonesa na ideia que fazemos da europeia. É claro que há aspectos incrivelmente parecidos que podem aproximar a ambas. No entanto, para uma compreensão histórica, temos de partir de que as duas épocas são distintas. É só sobre esse plano de fundo que podem aparecer semelhanças. O presente artigo revela algumas diferenças e pareências.

São bem conhecidos os equívocos que veem a Idade Média europeia como época de trevas e a ideia unilateral de que a filosofia medieval é ancila da teologia. Mesmo que hoje sejam consideradas superadas, e se avie uma compreensão autêntica da Idade Média, eventualmente ainda nos deparamos com esses preconceitos superados. Assim, este pequeno trabalho quer ser uma apologia da Idade Média e da filosofia medieval. Mesmo que não entre em questões concretas, possa então ser tolerada em seu caráter como preparação básica e indispensável para tal.

### 1 O MODO DE SER PRÓPRIO DA IDADE MÉDIA EUROPEIA

Se se datar o início da Idade Média europeia, como é usual, no começo da migração dos povos (ca. 375), a cisão do Império Romano em oriental e ocidental (395), ou o caso do Império romano ocidental (476) e seu final na conquista de Constantinopla, portanto a queda do império romano oriental (1453), no descobrimento da América (1492) ou a navegação para as índias, a Idade Média europeia se estende por bons mil anos. Comparado com o período da Idade Média japonesa, esse período é bastante longo. Mas se tomarmos a Idade Média japonesa como o período entre o começo da era Kamakura (1192) e o começo do Tokugawa-Shôgunats (1603), alcançamos uma extensão de 400 anos. Na história espiritual podemos atribuir à Idade Média europeia ainda o período da Patrística, que começou no século II, com que a

extensão da Idade Média europeia aumenta por alguns séculos<sup>2</sup>. Se perguntarmos o que justifica a composição de um período tão longo como Idade Média, a resposta irá se deparar com o modo de ser próprio da Idade Média europeia.

Originalmente, ao que parece, toda a história europeia foi dividida em apenas duas épocas<sup>3</sup> – Antiguidade Clássica e História Moderna –, sendo que a “História Moderna” se referia, sobretudo, à contemporânea. Quando era necessário apresentar a história europeia com mais detalhes, teria surgido a designação pejorativa “Idade Média” como período intermediário (*medium aevum*) entre a antiguidade brilhante e a história moderna posterior à Renascença. Do ponto de vista do conteúdo, na consciência histórica da época tendia-se ligar diretamente a História Moderna, posterior à Renascença, à Antiguidade clássica; também no âmbito da história do espírito e da filosofia a Idade Média aparecia como grandeza ignorada, que passava despercebida.

Para corrigir essa ideia sobre a história ocidental seria necessário antes examinar a imagem da Antiguidade clássica, da Grécia e Roma, esclarecendo a diferença entre a cultura greco-romana e a europeia, sua diferença qualitativa. Se isso for bem-sucedido, desaparecerá naturalmente a opinião de que a Antiguidade clássica seria a mesma coisa que a europeia. Certamente a Antiguidade clássica teve grande influência na europeia, e esta é inimaginável sem aquela. Mas a Europa deveria referir-se à sua própria antiguidade, e não à greco-romana. Poderíamos imaginar uma história da antiguidade *europeia* concentrada no interno do continente europeu, por exemplo, no mesmo cenário como apresentado pela história greco-romana. Essa antiguidade europeia pode ter uma cultura muito primitiva, como seria evidentemente compreensível na curta idade dos povos europeus.

---

<sup>2</sup> Se se admite o início da Idade Média no século V, a Patrística pertenceria à história da filosofia antiga. Usualmente, porém, não se inclui a história do pensamento cristão na abordagem da história da filosofia antiga, razão pela qual a patrística deve ser abordada dentro da história da filosofia medieval.

<sup>3</sup> Cf. Ranke (1854) e Horigome (1970).

Se fosse possível pensar uma história da antiguidade europeia, seria possível desenvolver então uma história da antiguidade europeia conjunta, da Idade Média e da época moderna, sem recorrer à história greco-romana. Parece-nos que essa história consequente da Europa é muito importante para a questão sobre o que é própria e essencialmente a Europa.

A história europeia assim vista, assim como a japonesa, é relativamente jovem. O documento japonês mais antigo é o *Wei-chih wo-jên chuan* (final do século III); o mais antigo na Europa é *Germania*, de Tácito (no ano de 98). Então, europeus e japoneses ainda não dispunham de grafias próprias, mas é comum às duas ter as altas culturas representativas do mundo antigo (Romanos e chineses) como vizinhos. Assim, através dessas culturas, ambas receberam as religiões universais do cristianismo e do budismo. Por volta do século VI, o budismo veio ao Japão. Clóvis I, rei dos francos, foi batizado em 496. Foi no ano de 645 que o Japão adotou tanto o nome quanto de fato a forma de um Estado; correspondentemente, no ano de 800, com a coroação de Carlos Magno, restabeleceu-se o Império romano ocidental. No Japão, designa-se essa época de **Antiguidade**; na Europa, de **Idade Média**.

Os japoneses de modo algum chamam à sua antiguidade ou Idade Média de “época de trevas”. É bem verdade que a cultura japonesa ainda não amadurecera, mas nem por isso era obscura, pois faz parte do processo da história uma época não desenvolvida. Isso se aplica também à Europa. Só parece ser obscura porque a Idade Média é colocada como tempo intermédio entre a antiguidade brilhante greco-romana e a época moderna esclarecida. Ela, no entanto, não deveria ser comparada com a época greco-romana, mas naturalmente ser referida à antiguidade europeia. Com isso, ficaria clara a evolução natural da Europa, evitando de se ignorar toda essa época da Idade Média europeia.

Ignorar a Idade Média não significa apenas passar por alto um longo período de tempo. Considerar a Europa sem levar em conta a Idade Média, significa imaginar que a Europa moderna surgiu de

repente. Desse modo, não se faz jus ao processo de desenvolvimento. Mas será possível conceber a essência da Europa assim? Mostra-se que, quanto mais firmemente se pergunta o que seja a Europa, tanto mais importância vai ganhando uma avaliação adequada da Idade Média.

Quem já viveu algum tempo na Europa deve ter percebido que, diferentemente do Japão, ali a Idade Média tem grande importância. A Idade Média ainda vive na vida atual da Europa, e no alto apreço da tradição pode-se perceber o respeito tácito dos europeus por sua Idade Média. Aqui aparece uma diferença entre Europa e Japão. Visto que via de regra na Europa as edificações são feitas de pedra, essas edificações são duradouras e ainda em uso, o que influi no apreço da história. Assim, deparamo-nos com diversas ponderações sobre a Idade Média Ocidental.

Como foi dito, a história ocidental é relativamente jovem. Quando a Europa começou a formar sua própria cultura, acolheu a cultura greco-romana e o cristianismo de certo modo como sua própria carne e sangue, mas isso não significa que o ocidente já os tenha absorvido integralmente. Antes, sua absorção se deu em ondas reiteradas, e sob violentos esforços. Mesmo hoje, antiguidade e cristianismo são para a Europa algo como um manual fundamental e uma norma de dever. Ainda no século XII, a Europa tinha muito que aprender da cultura árabe, altamente desenvolvida. Assim, no século XII, na Europa, foram traduzidas para o latim e recebidas no Ocidente inúmeras obras científicas árabes – dentre elas, obras de ciência grega vertidas para o árabe<sup>4</sup>. Foi só no século XIII que a cultura ocidental encontrou seu modo de ser próprio e sua grandeza. Todavia, também nesse século, sobretudo em sua primeira metade, teve uma forte invasão de obras gregas para a Europa, sobretudo da filosofia de Aristóteles, e quiçá de novo através da cultura árabe<sup>5</sup>. Mas isso não significa que a recepção cultural se reduza à mera imitação, seleção e repetição, pois já no

---

<sup>4</sup> Cf. Schuntarô Itô (1970).

<sup>5</sup> Cf. Steenberghen (1946).

século XIII a cultura europeia já conseguia apropriar-se internamente desse cabedal espiritual da tradição e ampliá-lo criativamente. Muitas áreas atestam essa atividade criativa: por exemplo, quanto à religião (fortalecimento do poder da Igreja), Estado (a nova burguesia), agricultura, comércio, ciência, universidade, cavalaria, arquitetura e arte, música, epopeia etc. Depois que a Europa começou a dar forma criativa a essa tradição, também começou a trilhar seu caminho próprio. A partir de então começou a criar tudo de forma autônoma, pois não havia mais nenhuma cultura a ser imitada. Assim, pode-se explicar a Renascença e a Reforma, dos séculos XV e XVI, no sentido de que a Europa voltou a se ocupar ciente com os manuais dos quais aprendera até então. Desse modo, a arte da Renascença desenvolveu seu próprio universo de formas, aprendendo dos gregos. Poderíamos comparar a Europa, como se desenvolveu desde a Renascença, com uma árvore que teve um rápido crescimento, tirando suas forças de raízes que se estendem até o fim da Idade Média. Assim, a Idade Média é o solo fértil de onde se nutre a Europa desde a Renascença.

Dentre os grandes acontecimentos que obscurecem a ligação íntima da Europa com a Idade Média chama a atenção a Reforma. Esta se dá inteiramente dentro do cristianismo, portanto dentro da cultura europeia. O protestantismo se rebelou contra a Igreja católica que dominou a Idade Média – mesmo que apenas em sua forma cunhada pela Renascença –, exigindo uma reforma.

Quando dois polos contendem é natural que cada um olhe com supremacia e despreze o outro e tudo que a ele pertence. Assim, o protestantismo precisara romper sua ligação com o catolicismo e também com a Idade Média. Daí vêm seus preconceitos e sua falta de interesse para com a Idade Média.

O protestantismo foi uma força que partiu a Europa em duas partes. Se hoje seus preconceitos são mais amenos, a ponto de não desfigurar a imagem da Idade Média, antigamente exerciam grande influência. A conceição de história do protestantismo influenciou também o Japão, visto que o cristianismo difundido na era Meiji era predominantemente protestante. O Japão de então olhava admirado

para a recém formada civilização europeia e americana e, no esforço e febre de absorver as conquistas da cultura europeia e americana, esquecia o antigo Japão. O Japão precedente nada mais significava, e tudo que impulsionasse a distância para com o velho Japão, a ruptura com ele, era saudada como progresso. Como consequência, se deveria então acolher como evidente a concepção de que Idade Média japonesa seria um período de trevas a ser desprezado. No entanto, também no Japão, hoje, houve grandes mudanças em relação à compreensão de sua época pré-moderna. A esse respeito surgiu a visão de que a mesma expressão “Idade Média” tenha significados distintos para a Europa e para o Japão.

Assim, nós, japoneses, sabemos hoje que o desenvolvimento que se deu na Europa a partir da Idade Média foi diferente do que se deu junto a nós. Até o começo da era Meiji, o Japão era uma península pacífica do extremo Oriente do Pacífico. Estava tão afastado do resto do mundo que, como Estado populacionalmente homogêneo, pode gozar de seu isolacionismo na modernidade por três longos séculos. Assim, de um lado, o Japão pode desenvolver uma cultura própria puramente japonesa, de outro lado, ficou muito atrás da cultura global, de modo que o encontro com a civilização europeia-americana, altamente desenvolvida, significou um choque para o Japão da era Meiji.

Como foi dito, na Europa, no fim da Idade Média, lançaram-se as bases para o surgimento de uma cultura criativa autônoma, pelo fato de que o Ocidente se constituía num caldeirão de muitos povos. Já há época, a cultura europeia era tão altamente desenvolvida a ponto de não poder mais aprender de nenhuma outra cultura. Isso se aplica também à cultura greco-romana, da qual se alimentou outrora o Ocidente. Com muito empenho de força e tempo, com segurança tranquila e firme autoconfiança, os europeus produziram sua própria cultura. No seio dessa cultura surgiram então os grandes acontecimentos na época que se seguiu: a guerra da independência americana, a revolução francesa, o desenvolvimento das ciências da natureza e o marxismo. Visto que esses eventos e movimentos surgiram no círculo cultural europeu, ali de certo modo ficou-se imune a eles. Dentro dessa cultura, essas não



podem exercer mais grande influência, mas fora dela é diferente: nas culturas que não tem essa imunidade esses eventos e movimentos desenvolveram uma tal força a ponto de poder aniquilar essas culturas não europeias. No caso do Japão esses acontecimentos provocaram um intenso movimento. Entretanto também dentro da própria Europa as guerras pela fé e as duas guerras mundiais nada mais foram que guerras de aniquilação, onde os europeus perderam seu autocontrole.

Para evitar um mal-entendido, temos de acrescentar ao que foi dito até aqui que, aqui, a Idade Média não foi venerada irrestritamente, mas recebe apenas uma valorização justa. Isso porque, talvez, sobreviva até hoje uma certa concepção da Idade Média como uma era obscura, marcada pela violência e opressão, da qual a Europa só foi libertada pela Renascença e levada a uma nova era de liberdade. Como mencionado, a unificação de Europa *se deu* na segunda metade do século VIII na época de Carlos Magno. É comum considerar essa “Renascença carolíngia”, com seu grande progresso cultural, como o nascedouro da Europa.

Na metade do século XI, começa a Reforma gregoriana, que trouxe grande contribuição para a autonomia espiritual da Europa. É cada vez mais reconhecida a importância do século XII; no âmbito espiritual, sua importância pode até suplantá-la da assim chamada Renascença, de tal modo que hoje é comum se falar da Renascença do século XII<sup>6</sup>. O século seguinte representa, sem sombra de dúvidas, o ponto alto da Idade Média. Em vista da evolução da ciência, ocasionalmente fala-se de uma revolução do século XIII<sup>7</sup>, mas talvez *devêssemos trazer como unidade* a época que vai da reforma gregoriana até a metade do século XIV, em vez de dividi-la comodamente em séculos. Em todo caso, foi nessa época que a Europa encontrou seu ponto de partida e as raízes de seu crescimento. Como já foi dito, o impressionante desenvolvimento posterior da cultura europeia foi o florescimento que surge naturalmente do crescimento da planta.

---

<sup>6</sup> Cf. Haskins (1957) e Yôzô Horigome (1976).

<sup>7</sup> Steenberghen (1955, p. 28).

## 2 O ÂMBITO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL

Na divisão da história da filosofia e do espírito medieval<sup>8</sup> temos de debater problemas diferentes dos abordados na divisão histórico-cultural e política. Quando se fala da Antiguidade clássica, tem-se em mente o círculo cultural greco-romano sem levar em conta o cristão-hebraico. Uma razão está no problema de saber se a religião pode ser vista como cultura, pois a religião, “voz de um pregador no deserto” (Mc 1,3), pode crescer no deserto. Não chama a atenção e precisa muito tempo até que se reconheça seu valor espiritual. A história da filosofia grega em geral tem seu fim no grande Plotino, no século III, mas ali não menciona uma palavra sequer sobre o pensamento hebraico.

Ora, a corrente espiritual hebraica é fundamental para a filosofia medieval, pois esta e o helenismo são as duas colunas da filosofia medieval. A história da filosofia medieval pode ser descrita de forma tão simples quanto o processo dos confrontos, das repulsas e mesclas das duas correntes. Por isso, a filosofia medieval é profundamente religiosa; seus problemas centrais circulam em torno à religião.

Se quiséssemos definir filosofia da religião como filosofia sobre religião, então a filosofia medieval seria altamente filosófico-religiosa. Quem não está aberto à religião ou tem uma postura contrária a ela não poderá encontrar muito gosto na filosofia medieval, a não ser na forma de uma figura hostil. Esse é um traço básico da filosofia medieval.

Quando se distingue o pensamento hebraico do Antigo Testamento do Novo Testamento, começa já no Novo o processo da mescla de helenismo e pensamento hebraico. Sem influência helenista seria impossível pensar qualquer palavra neotestamentária, como, por exemplo: “Então o filho do homem é senhor também do sábado” (Mc 2,28), ou: “Tudo que quiserdes que os homens vos façam fazei-o também vós a eles!” (Mt 7,12). Também a ideia de que o filho de um

---

<sup>8</sup> Esquemas básicos japoneses da história da filosofia medieval europeia são: Matsumoto, (1951); Hayami (1951; 1956; 1962); Tanaka (1965; 1969); Hattori et al. (1976).

desconhecido carpinteiro de uma pequena aldeia pudesse ser Deus não poderia ser pensado sem a influência helenista.

O Novo Testamento foi escrito em grego, e dessa forma, os dois nomes, **Jesus** e **Cristo** são gregos. Pode-se recordar também a doutrina própria do logos no começo do Evangelho de João. Já desde seu surgimento, portanto, o cristianismo abarca o pensamento grego como um de seus elementos essenciais. Visto que o cristianismo surgiu no confronto de culturas heterogêneas, nele o pensamento grego talvez não se concilie harmonicamente com o hebraico, mas sua existência permanece problemática. Entretanto, justo aqui está a razão para o confronto permanente e profundo do cristianismo com a filosofia grega. Nem todo mundo, seja dentro ou fora do cristianismo, concorda com essa visão, mas o pensamento grego não foi meramente anexado superficialmente ao cristianismo, mas lhe é essencial. Do contrário, gostaria de afirmar que o cristianismo pode servir como introdução para a filosofia grega. Não é por acaso que o contato com o cristianismo raramente desperta o interesse filosófico. Faz parte do cristianismo, portanto, que no seu curso, após a era apostólica surgisse a patrística e a escolástica.

Quando falamos de filosofia medieval, é preciso determinar logo seu âmbito. Não compreendo a escolástica no mesmo sentido que a filosofia medieval, mas aquela tem sentido mais estrito, esta mais amplo. A escolástica em sentido lato, pode ser localizada por volta do século IX até o XV; em sentido estrito pode ir de Anselmo de Cantuária (1033-1109) até Guilherme de Ocam (ca. 1285 até ca. 1349). Para compreender a ligação da escolástica com a Antiguidade, é preciso lembrar da patrística. Visto que a patrística começou no século II e apresenta uma configuração unitária, será preciso remontar ao século II, mesmo que se ultrapasse temporalmente para além dos limites da Idade Média. Visto assim, o começo da filosofia medieval incide no século II até o IV com o fim da fase da filosofia grega, de modo que ali ambas caminham paralelas. Em relação ao fim da filosofia medieval, pergunta-se que papel se atribui ali a Nicolau de Cusa (1401-1463). Esse importante pensador vive numa época de transição e, no caso de

se escrever uma história da Renascença, poderia ser situado também nessa história tanto quanto à filosofia medieval. Seja como for, para se abordar a passagem da Idade Média para a renascença será preciso abordar a filosofia dos séculos XV e XVI como filosofia da renascença.

Ficaria mais claro o caráter da escolástica restringindo-o à época que vai de Anselmo até Guilherme de Ocam. Depois vêm Escotus Eriúgena e Nicolau de Cusa – antes e depois desse período não entram mais em consideração, o que parece plausível, visto que eles apresentam traços também estranhos à escolástica. Desse modo, tenta-se formular a imagem de uma escolástica mais pura possível. Também a filosofia clássica dos gregos e a filosofia clássica alemã experimentam um período de florescência muito breve, quanto à “escolástica clássica”, no entanto, não temos uma ideia tão clara como as demais; aqui ainda restam tarefas em aberto para a pesquisa.

A filosofia da Idade Média chegou ao fim quando a reforma mostrou que a ligação entre fé e razão se dissolveu e se desfez, a saber, tornaram-se mutuamente independentes. A fé, como questão da vontade ou do sentimento, separou-se do âmbito da ciência, e esta, aos poucos, passou a tratar exclusivamente de questões seculares, e quiçá puramente imanentes ao mundo; perdeu assim a referência para com a fé e já não tinha mais interesse por ela.

### **3 UMA CULTURA COM DOIS FOCOS**

Como já foi indicado, a Idade Média é a época que desempenha a função principal no surgimento da Europa; a Europa da modernidade surgiu quase que espontaneamente. Ademais, como na história do espírito, a época da metade do século XI até metade do XIV foi a fase central da história medieval. O começo dessa fase central se anuncia na reforma gregoriana<sup>9</sup>; seu fim, na segunda metade do século XIV, é marcado por um enfraquecimento da Europa pela guerra dos cem anos, a peste ou o grande cisma. Essa época de florescimento, como

---

<sup>9</sup> Cf. Horigome (1977; 1955); Fliche (1946).

foi dito, coincide não só com a época da escolástica em sentido estrito, mas também com as cruzadas (1095-1291). Uma outra questão ali é como se deve avaliar o movimento das cruzadas. Além disso, a Europa estava constantemente perturbada pelos ataques dos normandos, húngaros e sarracenos. Após a Europa central alcançar a paz interna, depois da vitória sobre os húngaros na batalha de Augsburg (955), como se fosse uma lei histórica, partiu ela própria para a reconquista.

A cultura da Idade Média europeia se compara com uma elipse enquanto tem dois focos, a saber, o papado e o Império do Sacro Império Romano. Embora seja possível considerar os dois poderes a partir de seu cunho condicionado ao tempo, esses dois determinam cada um por si e em sua relação mútua o modo de ser próprio de toda a Idade Média. Neles incorporam Igreja e Estado, religião e política. Os dois não detêm a plenitude do poder desde o começo, mas não se sabe como que um fortalece o outro; assim, ambos estavam em plena florescência quando a cultura medieval alcançava seu ponto alto. No entanto, distante de uma coexistência pacífica, ambos estavam constantemente em disputas, e foi nesse campo de tensão que se desenvolveu a cultura da Idade Média. A primeira faísca que acendeu essa relação tensa foi a querela das investiduras, onde o papado tentou retomar o direito de ocupar os altos postos eclesiais tomados pelo poder temporal. Junto à proibição da simonia e do casamento dos sacerdotes, esse esforço compõe o núcleo da reforma gregoriana. Esse movimento de reforma gerou muita tensão no lado da Igreja, o que levou à autonomia espiritual ou ao despertar da sociedade e com isso a uma influência incalculável no desenvolvimento da Europa. Foi o mesmo Leão IX, introdutor da reforma gregoriana, que separou definitivamente a Igreja romano-ocidental da igreja romano-oriental dos cesaropapistas.

Originalmente o papado não detinha qualquer poder político, dependendo para isso da proteção do imperador. Este, amparado pelo papa, ainda detinha de uma autoridade incomparável. Por isso, em seu sucesso ou fracasso, ambos estavam unidos. Então o papado, sem poderes políticos, tentou insurgir-se contra o imperador do Sacro

Império Romano. A questão ali era qual a dimensão da autoridade espiritual do papado. Aqui não se pode aprofundar as questões complexas desse problema. Mas o modo de ser próprio da cultura medieval e a civilização europeia tem responsabilidade pelo surgimento de uma autoridade diversa do poder político e superior a ele. Não é raro historicamente alguém que detém o poder político ocupar, ao mesmo tempo, também o poder religioso; mas o específico da Europa é que a autoridade religiosa vige independentemente da política; o fato de o papa não ter poderes políticos pode ter vindo da época em que o Papa Gregório VII, figura central da reforma gregoriana, impôs a penitência de Canossa por duas vezes ao Imperador Henrique IV, mas por fim acabou expulso de Roma por este, e finou lamentavelmente entre os normandos em Salerno. Do mesmo modo, mais tarde, o “pai da escolástica”, Anselmo, arcebispo de Cantuária foi expulso pelo rei inglês diversas vezes do continente.

O problema da escolástica, e em sentido mais amplo também da filosofia medieval em geral, está estreitamente ligado com o problema dessa elipse. Os dois focos centrais aqui são fé e razão, ou teologia e filosofia. Por causa desses dois polos ou forma elíptica, por muito tempo se discutiu se a filosofia medieval ou a escolástica seria realmente filosofia. A comparação da elipse talvez não seja muito adequada aqui. Todavia, é fato que aqui a fé inclui a razão ou a teologia implica a filosofia. Sob a tensão entre fé e razão se abriga a relação do pensamento hebraico e helenístico ou do cristianismo e da filosofia grega. Com essa tensão, a fé teve a oportunidade de refletir sobre si mesma a partir de uma distância tranquila; vista a partir da razão, abriu-se-lhe novo e desconhecido âmbito através da fé. O problema é que ambas estão convencidas de serem aptas para responder às questões fundamentais da vida. Daí lhes surgem suas tramas características.

Quando a autoridade não é suspensa pela razão, mas se mantém como tal até o fim, então, no âmbito da religião, na medida em que repousa na espontaneidade, é chamada de fé. Visto que toda tentativa de esclarecer o objeto da fé, a partir do ponto de vista imparcial de

um colocar-se à margem, mantém-se na superfície para esse fim, parece ser necessário entregar-se à fé na medida do possível. Que não se deve usar a fé como lenitivo intelectual, mas esforçar-se, empenhando todas as formas para compreender o crido, é uma exigência da escolástica, e a compreensão de fé que nasce como fruto dessa exigência é a filosofia escolástica.

Se é possível conceber a cultura medieval como uma elipse, então como foi demonstrado igualmente os dois focos centrais, fé e razão, formam o tema central da história da filosofia medieval, a saber, da patrística e da escolástica. Em seu jogo recíproco e mudança, essas duas formaram cada vez uma filosofia distinta, própria a cada período da história. Às vezes asseverava-se uma das partes, negligenciando a outra; às vezes, as duas foram rigorosamente separadas. No geral, porém, a corrente central da filosofia medieval se apoiou em ambas, e justo assim produziu suas maiores obras. Nisso, no âmbito da Patrística, pode-se apontar para o pensamento do grande pai da Igreja, Agostinho, no âmbito da Escolástica do século XIII, para o sistema de Tomás de Aquino. Agostinho alcançou, pela primeira vez, fazer a mescla do pensamento hebraico e helenístico em grande estilo; depois, Tomás de Aquino erigiu seu sistema claro de pensamento sobre esse encaminhamento.

Como esses dois, quase todos os pensadores da Idade média atuavam menos como filósofos do que como teólogos. Pode-se perguntar se não haurindo algo como filosofia das obras teológicas não se está desvirtuando essas obras. A isso se pode dizer que àquela obra que hoje chamamos de **Metafísica**, Aristóteles chamava de “primeira filosofia” (*proté filosofia*), e a qualificava também como **Teologia** (*theologiké*)<sup>10</sup>. Tal teologia é filosofia e pode ser tratada assim como filosofia. Na filosofia medieval as coisas são um pouco diferentes, pois aqui quando se fala de fé e razão esta última significa em geral filosofia grega. A teologia medieval é uma teologia filosófica, de tal modo que é impensável sem a filosofia grega.

---

<sup>10</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica* E, 1026a 19; K 1064b 3.

Na primeira metade da filosofia medieval, essa teologia sem a filosofia do neoplatonismo seria algo impossível e a partir do século XIII, sem a filosofia de Aristóteles, não haveria filosofia medieval. Essa é o por que a filosofia pode ser destacada dessa teologia; a filosofia tem consistência em si. A tentativa de pensar a teologia medieval como filosofia medieval deveria pautar-se na exigência de um ponto de vista comum, mas aí não se pode esquecer que esses pensadores eram teólogos.



## REFERÊNCIAS

- BARRACLOUGH, G. **History in a Changing World**. Oxford: Blackwell, 1955.
- FLICHE, A. **La querelle des investitures**. Paris: Aubier, 1946. (Coleção Les Grandes Crises de L'Histoire).
- HASKINS, C. H. **The Renaissance of the Twelfth century**. New York: Meridian Books, 1957.
- HATTORI, E. **Die Geschichte der Europäischen Antike un des Mittelalters**. Tóquio: Iwanami, 1976.
- HAYAMI, K. Der Strom der europäischen Philosophie. **Risô**, Tóquio, n. 33, p. 33-66 out. 1962.
- \_\_\_\_\_. **Die Philosophie der Antike und des Mittelalters**. Tóquio: Iwanami, 1951.
- \_\_\_\_\_. **Die Philosophie der Renaissance**. Tóquio: Iwanami, 1956.
- HORIGOME, Y. Die Gregorianische Reform und der Investiturstreit. In: **Iwanami-Kurs: Weltgeschichte**, Bd 10 Tóquio: Iwanami, 1977.
- \_\_\_\_\_. Untersuchungen zum europäischen Geist. In: **Die Reform des zwölften Jahrhunderts**. Tóquio: Iwanami, 1976.
- \_\_\_\_\_. Was ist Europa? In: MASUDA, S. (Ed.). **Abendland und Japan**. Tóquio: Uapan, 1970.
- IWANAMI-KURS: **Philosophie**, Bd 16: Die Geschichte der Philosophie. Tóquio: Iwanami, 1970. v. 1.
- MATSUMOTO, M. **Die Geschichte der europäische mittelalterlichen Philosophie** (Antike und Mittelalter). Tóquio: M. Matsumoto, 1951.
- RANKE, L. Über die Epochen der neueren Geschichte. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1854.
- SCHUNTARÔ IT. Die Renaissance des 12. Jahrhunderts und die westeuropäische Kultur. In: **Iwanami-Kurs: Weltgeschichte**, Bd 10. Tóquio: Iwanami, 1970.
- STEENBERGHEN, F. van. **Aristote en Occident: Les origines de l'aristotelisme parisien**. Lovaina. Lovaina: Institut supérieur de philosophie, 1946.
- \_\_\_\_\_. **The philosophical Movement in the Thirteenth century**. Edimburgo: Nelson, 1955.

TANAKA, M. Die mittelalterliche Philosophie und unsere Zeit. **Risô**,  
Tóquio, n. 435, ago. 1969.

\_\_\_\_\_. (Ed.). **Geschichte der philosophie**. Quioto: Otani University,  
1965.